FICÇÃO

CONTO DO FIO VERMELHO

LUMINÁRIAS

POR FIO VERMELHO

Versão de 20 de novembro de 2026.
https://fiovermelho.org/contos/luminarias/

CAPÍTULO 1 DE 5 · FICÇÃO

SEIS NOITES

O senhor mandou acender todas as candeias da casa e pôr na janela da frente, até a do oratório. Luzia encheu uma por uma na talha do azeite, torceu pavio novo com um resto de pano de algodão e foi enfileirando no peitoril, como quem carrega pote cheio até a boca. Eram onze. A ordem era que ficassem acesas até de manhã, e o azeite da talha não ia dar pra seis noites.

Da janela ela via a rua acender. Primeiro a casa da frente, depois a do lado, e mais pra baixo, no porto, os barcos com lanterna pendurada no mastro. Os sinos tinham começado antes de escurecer e não paravam. Um menino branco passou correndo com um tição na mão, gritando que tinham entrado no Macaco, lá em cima nos Palmares.

Na cozinha, a velha Isabel catava feijão com a gamela no colo.

— Pegaram ele? — perguntou, sem levantar a cabeça.

Luzia disse que não sabia. Quem respondeu foi o Damião, que cuidava do cavalo e passava o dia no cais ouvindo o que não era com ele: não tinham pegado. Ele tinha saído de madrugada por cima dos brancos, levado bala e continuado andando.

— Bala nele não entra — disse a Isabel. — Nunca entrou.

— Quem disse que entrou foi o branco que trouxe a notícia — disse o Damião.

— Branco diz.

Luzia voltou pra sala. Uma candeia tinha apagado com o vento, e ela acendeu de novo na do lado.

Fazia oito anos que o Bento tinha subido pro mato. Foi numa safra, de noite, da casa de caldeira do engenho que o senhor tinha na várzea. Ele tinha quinze anos e uma queimadura no braço esquerdo, do tempo em que ainda não sabia segurar a escumadeira: uma pele lisa e brilhante, que ia do pulso quase até o cotovelo e que ele vivia coçando com o polegar. Levou a faca de cortar cana e a camisa do corpo. O feitor veio ao Recife dar a notícia, e Luzia ouviu da porta da cozinha o senhor dizer que, se tinha ido pros Palmares, estava perdido, e que deixasse ir. Depois disso ninguém disse mais aquele nome na casa.

Ela não sabia nem se ele tinha chegado lá. Quem subia pro mato podia morrer de fome no caminho, ou de cobra, ou ser apanhado no primeiro dia e voltar amarrado. Isso ela teria sabido, e não soube.

Se tinha chegado, estava lá dentro quando entraram.

O azeite acabou na terceira noite. O senhor chegou na janela, contou as candeias da casa da frente com o dedo, contou as dele, e mandou o Da-

mião comprar mais, porque a casa da frente tinha mais luz. Na sexta Luzia não dormiu. Ficou sentada no chão da sala, encostada na parede, levantando de hora em hora pra pôr azeite nas que estavam baixando. De manhã, quando recolheu as onze, a parede de fora, embaixo da janela, estava preta de fumaça. Ela esfregou com cinza e água até a cal aparecer de novo.

CAPÍTULO 2 DE 5 · FICÇÃO

A FILA

Luzia estava na beira do rio, com o cesto dela no braço, escolhendo peixe no tabuleiro de uma mulher, quando a rua de cima se encheu de gente parada, todo mundo olhando pro mesmo lado. Ela pôs o cesto no chão e subiu.

Vinham a pé, amarrados uns aos outros por uma corda que passava de pescoço em pescoço, e a corda era tão comprida que a ponta ainda não tinha aparecido na curva quando o começo já passava na frente da igreja. Uma mulher levava uma criança amarrada nas costas com um pano, e a criança dormia. Um velho andava com a mão no ombro do que ia na frente, e Luzia levou um tempo pra ver que ele era cego. Muitos tinham folha amarrada nas feridas. Do lado da fila andavam soldados, e no meio deles uns homens magros, de barba, com as armas compridas e a roupa em tiras, que não olhavam pra ninguém da rua. Alguém do lado dela disse que aqueles eram os paulistas, a tropa que o governo tinha contratado pra acabar com os Palmares.

Ninguém da fila falava. Da rua também quase ninguém. Um homem gritou alguma coisa e outro mandou calar a boca.

Luzia foi andando junto, pela beira da rua, olhando as caras. Olhou primeiro os homens da idade do Bento, depois os mais velhos que ele, porque oito anos de mato fazem um rapaz mais velho do que ele é. Depois olhou todos, até as mulheres. Na frente de um armazém do cais a fila parou, e os soldados foram empurrando aquela gente pra dentro de um pátio cercado de estaca. Luzia ficou na rua até o último entrar. Quando voltou pra beira do rio, o cesto não estava mais lá, e a Isabel teve que inventar uma janta com o que tinha.

No outro dia ela voltou ao pátio, e no outro também. Um soldado na porta enxotava as negras que vinham olhar, e elas iam pra esquina e voltavam quando ele virava as costas. Pelas frestas da estaca dava pra ver o povo sentado no chão, os homens pra um lado, as mulheres pro outro, e um homem branco num banco, com um livro aberto em cima do joelho. Ele chamava os presos de um em um, mandava abrir a boca, apertava os braços e escrevia. Do lado dele ficava um paulista contando nos dedos.

Às vezes os dois contavam diferente e discutiam alto, por cima da cabeça do preso, e o preso ficava parado, esperando eles acabarem. Luzia ouviu a palavra quinto, que era a parte do rei. Ouviu o homem do livro dizer peça, e o paulista dizer peça também, a palavra que o feitor usava na safra pra contar os negros do engenho.

Foi no terceiro dia que ela viu o braço.

O homem estava sentado de costas pra estaca, com os braços em volta dos joelhos. Tinha barba. No braço esquerdo, do pulso quase até o cotovelo, tinha uma pele lisa e brilhante, e por cima dela, até as costas da mão, uma porção de marquinhas redondas, umas velhas, outras ainda rosadas.

— Bento — disse ela pela fresta, baixo.

Ele não se mexeu. Ela disse de novo, mais alto, e ele virou a cabeça. Olhou pra ela um tempo comprido. Depois chegou perto da estaca de joelhos, sem levantar.

— Mãe.

Ela enfiou os dedos na fresta, e ele encostou os dele. Ficaram assim.

— Que é isso no braço? — disse ela, por fim.

Ele olhou as marquinhas.

— Faísca. Da forja.

— Tu era ferreiro?

— Era.

Do outro lado do pátio, o soldado da porta tinha visto e vinha vindo. O Bento olhou pra ele, depois pra ela, e falou depressa:

— O senhor ainda é vivo?

— É.

— Então não conta pra ele que eu estou aqui.

— Por quê?

— Não conta.

O soldado pegou Luzia pelo braço e levou até a esquina. Ela foi sem fazer força. Na esquina, quando ele soltou, ela olhou pra trás, e o Bento já estava sentado de novo de costas pra estaca, igual aos outros.

Em casa, a Isabel olhou pra cara dela e mandou sentar. Luzia contou do lado do fogo, baixo, por causa da sala: o braço, as faíscas, e o que ele tinha pedido. A velha ouviu até o fim sem largar o feijão. Depois pôs uma cuia de feijão na frente dela e ficou ali até ela comer tudo.

CAPÍTULO 3 DE 5 · FICÇÃO

OITO MIL-RÉIS

No domingo o senhor teve um mercador de visita pra jantar, e Luzia serviu a mesa. Os dois falaram de açúcar até o meio do peixe. Depois o mercador

limpou a boca e disse que um compadre dele andava atrás de um negro que tinha fugido fazia anos e estava no meio dos presos do cais.

— Diz que os paulistas devolvem. Por oito mil-réis.

— Oito mil-réis pelo que já era dele?

— Foi o que me disseram. Eu não vi papel nenhum.

Luzia estava com a jarra parada no ar. Pôs a jarra na mesa.

— Pagar pra quê? — disse o senhor. — Pra ele chegar na senzala contando como é lá em cima?

O mercador achou graça. O senhor também, e mandou trazer o doce.

Na cozinha, Luzia lavou os pratos e a jarra, varreu o chão em volta do fogo e jogou a água do balde no quintal. A Isabel, já deitada na esteira, ficou olhando ela trabalhar no escuro, porque Luzia não tinha acendido candeia.

— Tu vai lá — disse a velha.

Luzia não respondeu. Encheu a cuia na talha da água, sentou no batente da porta do quintal e lavou os pés, um e depois o outro, esfregando os calcanhares com a mão. Depois tirou o pano da cabeça, que estava cheirando a peixe e a fumaça, dobrou e pôs em cima da esteira. Do baú que tinha sido da defunta mulher do senhor e que o senhor tinha deixado ficar com ela, tirou o outro pano, o branco, o de ir à missa, e amarrou na cabeça com as duas mãos, apertando bem o nó atrás.

— Ele te pediu — disse a Isabel.

Luzia passou a mão no pano pra ver se estava reto.

— O feitor da várzea é o mesmo — disse a velha. — Tu sabes disso.

— Na caldeira eu sei onde ele está.

A Isabel virou pra parede.

O senhor estava na sala fazendo conta num caderno, com uma candeia só. Luzia parou na porta.

— Meu senhor.

Ele não levantou os olhos.

— O Bento está lá. No pátio do cais.

— Que Bento?

— O da caldeira. O que subiu.

Ele parou a pena. Pensou um pouco, procurando.

— Ah. Esse.

— Oito mil-réis, meu senhor.

Agora ele olhou pra ela, do pano branco até os pés lavados. Não estava zangado. Olhou do jeito que olhava um cavalo que tinha começado a mancar, pensando se valia o ferreiro.

— Ele é meu filho — disse Luzia.

— Era meu negro — disse o senhor, e molhou a pena. — Vai deitar.

Ela foi. Na esteira, do lado da Isabel, que fingia que dormia, ficou fazendo conta também. Oito mil-réis ela nunca tinha visto junto. Tinha visto o senhor pagar o carro de lenha, a arroba de carne, a missa da defunta, e nenhuma dessas contas servia pra pensar na outra.

De manhã, em vez de ir pro peixe, foi direto pro pátio, ainda com o pano branco. Esperou na esquina até o paulista sair pra comer, e quando o homem do livro ficou sozinho no banco, coçando a perna com a pena, ela chegou perto da porta. O soldado deixou, porque era cedo e ele estava com sono.

— Vossa mercê me diz uma coisa.

O homem do livro continuou escrevendo.

— Diz.

— Os oito mil-réis. Quem paga leva o negro?

— O dono paga, o dono leva.

— E se for a mãe que paga?

Ele custou a entender a pergunta. Quando entendeu, não riu, e ela preferia que tivesse rido.

— Tu tens oito mil-réis?

— Não.

— Então por que perguntas?

Ela não soube responder. Ele molhou a pena e falou, sem olhar pra ela:

— O ajuste é com o dono. Mãe não está no papel.

No outro dia ela levou farinha num pano amarrado e passou pela fresta quando o soldado foi mijar no muro. O Bento desamarrou o pano e comeu ali mesmo, com a mão, sem parar pra respirar.

— Contou pra ele? — perguntou, quando acabou.

— Não — disse Luzia.

CAPÍTULO 4 DE 5 · FICÇÃO

FAÍSCA

Ela foi quase todo dia, enquanto deu. A farinha saía do pote da cozinha um punhado de cada vez, e a Isabel, que antes nem olhava pro pote, agora olhava toda manhã e não dizia nada. O soldado da porta foi se acostumando com ela. Uma vez pediu um pedaço do peixe, e ela deu. Na outra pediu de novo, ela disse que não tinha, e ele deixou ela passar assim mesmo. Ninguém sabia dizer até quando os presos iam ficar ali. Cada vez que virava a esquina, Luzia contava as cabeças pela fresta antes de procurar a dele.

Um dia perguntou como tinham pegado ele. O Bento contou da noite em que saíram. Foi de madrugada, todo mundo junto, no escuro. Do lado

tinha uma grota funda, de pedra, e não se via onde o chão acabava. Ele ouviu gente caindo. Ouviu muita gente caindo e não ouviu ninguém chegar lá embaixo. Ele mesmo escorregou e ficou preso pela camisa num pé de pau, pendurado de cara pra pedra, até clarear. Quando clareou, os soldados estavam lá em cima, olhando pra ele.

— E ele? — perguntou Luzia.

Ela não disse o nome, e o Bento não perguntou quem.

— Saiu. Eu vi ele sair. Levou bala e saiu.

— A Isabel diz que bala nele não entra.

O Bento riu pela primeira vez desde o pátio. Era o mesmo riso de menino, com menos dente.

— Entra. Ele puxa de uma perna desde antes de eu chegar lá, de uma bala velha. Entra, e ele vai embora assim mesmo.

Foi num dia de chuva miúda que ele não comeu a farinha. Desamarrou o pano, olhou, e amarrou de novo.

— Leva pro lado das mulheres. Pra Tomásia. A de pano listrado, na quina.

— E tu?

— Eu como amanhã.

Luzia olhou pra quina. Tinha uma moça sentada encostada na estaca, com um pano listrado nos ombros. Era mais nova que o Bento. Luzia nunca tinha ouvido aquele nome.

— Tu tinha mulher lá?

— Tenho — disse ele. — Ela está ali.

— De onde ela é?

— De lá mesmo. Nasceu lá em cima.

Luzia ficou com o pano de farinha na mão, pesando. Era pouca, pra dois.

Foi pela beira da estaca até a quina. A moça levantou a cabeça quando ela chamou. Tinha a cara redonda, e quando ficou de joelhos pra chegar na fresta, o pano listrado abriu e Luzia viu a barriga. Já estava grande. A moça pegou a farinha sem perguntar quem ela era, comeu metade e amarrou a outra metade no próprio pano, guardando pra depois.

Luzia voltou pro lado dos homens pela beira da estaca, contando nos dedos, por baixo do avental, os meses que faltavam. Parou no quarto dedo e começou de novo, e parou no mesmo.

— Ela está de barriga.

— Está.

Ficaram calados. Do lado de dentro, o Bento esfregava as marquinhas do braço com o polegar.

— O senhor ficou sabendo de alguma coisa? — perguntou ele.

Luzia tirou de dentro do avental o pano branco, dobrado em quatro, e passou pela fresta.

— Pra ela. Pro menino, quando nascer.

O Bento pegou o pano e ficou com ele na mão, sem saber onde pôr.

— Não — disse Luzia. — Não ficou sabendo de nada.

Um dia ela chegou com a farinha e o pátio estava quase vazio. Tinha uns velhos sentados na sombra do muro, o cego entre eles, e uma mulher deitada que não levantou a cabeça. Na quina não tinha ninguém. O homem do livro não estava, nem o banco. O soldado da porta era outro.

— Embarcaram de madrugada — disse ele.

— Pra onde?

— Pra fora daqui. Não me disseram.

— Todos?

— Os que prestavam.

Luzia ficou na frente da estaca com o pano de farinha na mão. Depois foi até o cais. Tinha barco saindo e barco chegando, e se o barco dele ainda estivesse ali ela não ia saber dizer qual era.

Voltou pra casa pelo caminho de sempre. Na cozinha, esperou a Isabel sair e despejou a farinha de volta no pote, devagar, sacudindo o pano no fim pra não ficar nada, pra ninguém dar falta.

CAPÍTULO 5 DE 5 · FICÇÃO

SEM CANDEIA

Dessa vez o senhor não mandou acender candeia nenhuma. Mandou que fossem ver.

Fazia quase dois anos das luminárias. Primeiro veio a notícia, e depois veio a cabeça. Foram a Isabel, o Damião, Luzia e os dois negros do engenho que estavam na cidade com o carro de açúcar. O senhor foi atrás, a cavalo, e parou do outro lado da praça, olhando mais pra eles do que pro poste.

No caminho, o mais velho dos dois do engenho, que tinha mexido melado na caldeira do lado do Bento, chegou perto de Luzia e perguntou baixo se era verdade o que diziam, que o menino tinha subido pro mato.

— Subiu.

— E desceu?

— Desceu amarrado — disse ela, e ele não perguntou mais.

No cais, nesse tempo, Luzia não perguntava mais nada a ninguém sobre barco. Às vezes ouvia um nome de lugar, Rio de Janeiro, Buenos Aires, e ficava um pouco mais, como antes ficava quando diziam Palmares. Depois ia embora com o peixe.

A praça estava cheia, e a maior parte era gente preta. Uma mulher que tinha parado no caminho do mercado continuava com o cesto na cabeça. Os meninos tinham trepado no muro da igreja pra ver por cima. Os brancos ficavam mais na beira, perto das casas, e conversavam alto. Em volta do poste tinha soldado.

O poste era mais alto que um homem a cavalo. A cabeça estava lá em cima, escura de sal, de olho fechado e a boca um pouco aberta. Não parecia com ninguém. Luzia nunca tinha visto aquele homem. Ninguém que ela conhecia tinha visto, a não ser o Bento, que tinha rido no pátio e falado da perna.

Um branco de chapéu, perto do poste, apontou lá pra cima com o bastão, e depois apontou pro povo, demorando a ponta do bastão em cada lado da praça.

Uma mulher do lado de Luzia começou a rezar baixinho, sem tirar o olho de lá de cima. Um velho disse alto que não era ele, e um soldado empurrou o velho com a coronha até ele sumir no meio do povo.

— Bala nele não entrava — disse a Isabel.

Depois disse que era ele. Depois disse que não podia ser. Depois não disse mais nada, e ficou segurando a manga de Luzia com dois dedos.

Luzia olhou a cabeça até a Isabel puxar a manga pra ir embora. Depois desceu os olhos pelo poste, pela madeira escura, até o chão de terra batida em volta do pé, onde não tinha perna nenhuma.

FIM DO CONTO

O QUE É FATO E O QUE É FICÇÃO

Este conto é ficção. O homem de quem se fala na casa de Luzia, sem nunca dizer o nome, é Zumbi, que comandava Palmares; o Macaco era a capital de Palmares, na serra; os paulistas eram a tropa contratada pelo governo de Pernambuco pra destruí-lo. Luzia, Bento, Tomásia, a velha Isabel, o Damião, o senhor, o mercador, o soldado da porta, o homem do livro e o branco de chapéu na praça não existiram. A casa, o engenho da várzea, a queimadura, as faíscas da forja, o pano branco e o pátio cercado de estaca perto do cais são inventados. O mundo em volta deles, não.

O que é histórico:

- Em 3 de março de 1687, em Olinda, o governo de Pernambuco assinou com os procuradores do bandeirante paulista Domingos Jorge Velho as "Capitulações" pra "conquistar, destruir, e extinguir totalmente os negros levantados dos Palmares". Pelo contrato, os capturados não podiam fi-

car na capitania: iam pro Recife, pra serem vendidos pro Rio de Janeiro e Buenos Aires; o quinto das presas, imposto devido ao rei, ficava pra tropa; e por negro palmarino que voltasse ao dono, o dono pagava 8 mil-réis ao comandante paulista. É desses 8 mil-réis que o mercador ouviu falar (Carneiro, 1958).

- Os paulistas chegaram à serra no fim de 1692 e foram batidos no primeiro ataque. Voltaram em 1694 com reforço e canhão e, em 6 de fevereiro, depois de 22 dias de cerco, entraram na cerca do Macaco, a capital de Palmares. Na madrugada anterior, Zumbi furou o cerco com a gente dele e levou dois tiros; cerca de 200 pessoas caíram no precipício (Carneiro, 1958).
- O cronista do lado vencedor contou 40 oficinas de ferreiro que trabalhavam o dia inteiro fazendo zagaias e outras peças de ferro (Viotti, 2017). O Bento é um desses ferreiros, inventado.
- O Recife comemorou a queda do Macaco com seis dias de luminárias (Carneiro, 1958).
- As tropas mandaram pro Recife 519 prisioneiros "de todos os sexos e idades", pra serem quintados pela Fazenda Real e vendidos. Quantos chegaram virou briga: na conta dos paulistas, 374; o governador falou em 450 e acusou os paulistas de desviar presas no caminho. O conto não dá número. A briga está numa carta do governador escrita meses depois (4 de agosto de 1694), e o conto a põe em cena no pátio, no homem do livro e no paulista que contam diferente (Carneiro, 1958; Dario Filho, 2016).
- Em 1675, Zumbi foi ferido a bala na perna, e um documento da época diz que ele "ficou vivo, porém aleijado de uma perna" (Carneiro, 1958). É isso que o Bento conta à mãe.
- Zumbi viveu quase dois anos escondido depois da queda do Macaco e foi morto em 20 de novembro de 1695. A cabeça dele foi cortada, salgada e levada ao Recife, onde o governador mandou espetá-la num poste "no lugar mais público desta praça", para satisfazer os ofendidos e atemorizar os negros, que o consideravam "imortal" (Carneiro, 1958; Viotti, 2017; Dario Filho, 2016).

O que é inventado sobre gente real: nenhuma cena. Zumbi não aparece, não é nomeado e não tem fala; só o Bento conta o que viu dele, e o que conta (a saída ferida na madrugada, a perna) está nos documentos. Os paulistas aparecem como tropa, sem nome. A pergunta do senhor no jantar ("Pra ele chegar na senzala contando como é lá em cima?") é invenção, mas o medo é da época: em Lisboa, o procurador da Fazenda defendeu exterminar as presas de Palmares porque, "habituadas à liberdade", levariam os outros escravos à rebelião (Dario Filho, 2016; Carneiro, 1958). Que um dono pudesse reaver o fugido por 8 mil-réis está no contrato; se essa cláusula chegou a ser usada em 1694, e por quem, os documentos que lemos não dizem, e no conto ela chega como conversa de mesa. A marcha

dos presos a pé, amarrados por uma corda; os paulistas escoltando a fila e contando presos no Recife; o exame dos presos pelo homem do livro; o pátio onde eles esperam; o embarque e a data dele: tudo isso é ficção. Os documentos dizem só que as tropas mandaram os presos ao Recife pra serem quintados. O que se sabe é que as presas foram vendidas por mais de 10 mil cruzados (Carneiro, 1958) e que, em 1695, o rei mandou vendê-las ou dá-las pra outras partes do Brasil, menos Pernambuco e Maranhão (Dario Filho, 2016).

O que ficou de fora por ser disputado: quem entregou Zumbi e o nome de quem entregou, os detalhes da morte que não estão na carta do governador, a vida de Zumbi antes de 1675, Dandara, o número de moradores de Palmares, se havia cativos dentro de Palmares e se Zumbi teve algum, e quem envenenou Ganga Zumba. Nada disso entra no conto, nem como boato. O lugar exato do poste também não: a carta diz só "o lugar mais público desta praça", e o conto diz "a praça".

FONTES

Cada fonte com o endereço por extenso. *Confirmada*: a informação bate em mais de uma fonte. *Disputada*: as fontes divergem, e a gente mostra cada versão.

1 **O Quilombo dos Palmares, 2a ed., São Paulo, Cia. Editora Nacional (Brasiliana)**
Edison Carneiro
https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/75/1/302%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf
☐ CONFIRMADA

2 **Revisitar Palmares: histórias de um mocambo do Brasil colonial**
Ana Carolina Viotti, Trashumante 10: 78-99
https://revistas.udea.edu.co/index.php/trashumante/article/view/328396
☐ CONFIRMADA

3 **Lealdade em construção (dissertação, PPGH-UFF), cap. 3**
Luiz Pedro Dario Filho
https://www.historia.uff.br/stricto/td/1977.pdf
☐ CONFIRMADA

Aponte a câmera para abrir a página

Versão mais atual em
https://fiovermelho.org/contos/luminarias/

"Luminárias", de Fio Vermelho (https://fiovermelho.org/contos/luminarias/), está sob a licença CC BY-NC-SA 4.0: https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/deed.pt-br

Você pode copiar, compartilhar e adaptar, dando o crédito, sem uso comercial e mantendo a mesma licença.